

## **COM A FOICE, O MARTELO E A CANETA: ARISTÓFANES CASTRO ENTRE A LITERATURA E A MILITÂNCIA POLÍTICA (1945-1950)**

Marcos Lucas Abreu Braga  
Mestrando em Pós-Graduação em História - UFAM  
E-mail: marcoslucasab@gmail.com

“Todos os homens são intelectuais; mas nem todos cumprem a função de intelectuais na sociedade”.  
Antônio Gramsci

“Todos nós temos alma de poeta, sejamos ignorantes ou não, em dado momento”.  
Aristófanis Castro

### **RESUMO**

Com base na análise de fontes históricas literárias e da imprensa periódica, o presente artigo visa avaliar o período de formação intelectual e política de Aristófanis Castro, escritor, advogado, jornalista e militante marxista amazonense. Por meio de sua trajetória, pretende-se analisar a atuação dos estudantes e intelectuais nas lutas políticas e sociais nos anos iniciais da chamada República Democrática (1945-1964) no Amazonas.

**Palavras-chave:** Intelectuais; Marxismo; Amazonas.

## **WITH THE SICKLE, THE HAMMER AND THE PEN: ARISTÓFANES CASTRO BETWEEN LITERATURE AND POLITICAL ACTION (1945-1950)**

### **ABSTRACT**

Based on the analysis of historical literary sources and the periodical press, this article aims to evaluate the period of intellectual and political formation of Aristófanis Castro, writer, lawyer, journalist and Marxist activist from Amazonas. Through its trajectory, it is intended to analyze the performance of students and intellectuals in political and social struggles in the early years of the so-called Democratic Republic (1945-1964) in Amazonas.

**Keywords:** Intellectuals; Marxism; Amazonas.

### **INTRODUÇÃO**

Aristófanis Bezerra de Castro foi um jornalista, professor, escritor, advogado, grande apreciador de samba e um militante marxista amazonense que atuou entre as décadas de 1940 e 1980. Sua produção literária, entre livros de crônicas, contos e romance, inclui os títulos: *O Transviado* (1948), *Um Punhado de Vidas: Romance de um “Soldado da Borracha”* (1949), *Matadores de Esperanças* (1958), *Reverendo Meus*

*Mortos* (1966)<sup>1</sup> e *Cuspir é preciso* (2000), além de uma grande e esparsa produção de artigos, crônica e contos na grande imprensa manauara, no *Jornal do Comércio*, *O Jornal* e *A Crítica*, e de um livro póstumo, *Balseiro e Outras Histórias* (2013), organizado pelo seu filho Aristófanes Castro Filho, cujos originais começaram a ser escritos em 1942. Sua produção literária demonstra seu engajamento político a partir de uma visão declaradamente marxista. Faleceu em Manaus, em 18 de março de 2006, aos 87 anos.

O presente artigo visa refletir sobre uma parte da trajetória de Castro, de 1945 a 1950, período em que se graduou em Direito<sup>2</sup> e em que iniciou sua carreira literária, publicando seus primeiros livros. Com isso, não se pretende fazer uma hagiografia ou um “positivismo de esquerda” – expor “um grande homem do povo”, cujo exemplo deve ser seguido –, mas aproveitar sua trajetória, de militante muito ativo e que, por isso mesmo, deixou uma quantidade considerável de fontes escritas – produzidas por ele ou que lhe faziam referência – para explorar os anos iniciais da “República Populista” ou “República Democrática” no contexto amazônico (relativamente pouco estudado), em especial no que tange à participação de intelectuais e estudantes nos movimentos políticos de esquerda daquele momento.

Figura1: Aristófanes Castro



Fonte: *Jornal do Comércio*, Manaus. nº 20860, 30 nov. 1971, p. 6.

<sup>1</sup> Exemplos desses quatro primeiros, raros e esgotados, podem ser encontrados na Biblioteca Mário Ypiranga, no Centro Cultural dos Povos da Amazônia.

<sup>2</sup> Compôs a turma Aristides Rocha. “Formaturas”. *Jornal do Comércio*, Manaus. nº 12533, 24 dez. 1950, p. 4.

Para tanto, será adotada como metodologia a análise de fontes históricas da imprensa periódica – mais precisamente o *Jornal do Comércio*, um dos maiores diários da cidade daquele momento – e da literatura produzida pelo próprio Castro, sobretudo seu romance *Um Punhado de Vidas* e as passagens autobiográficas nas crônicas de *Cuspir é preciso*.

## **CASTRO ENTRE A CANETA, A FOICE E O MARTELO**

O escritor nasceu em Xapuri, no então Território Federal do Acre, em 1917. Em seu último livro de crônicas, expôs um pouco de suas memórias e de sua trajetória: de uma família modesta, seu pai morreu quando ainda contava cerca de um ano de idade, sendo criado pelo seu avô Antero, um professor entusiasta da história e da mitologia grega que “[...] tinha cachaça, como se dizia, pelo ensino e pela leitura. Lia muito” (CASTRO, 2002, 47-50). Seu irmão mais velho, Péricles, também foi engajado em movimentos políticos, o que pode ter influenciado; uma lembrança que causou encanto à Aristófanes foi ver Péricles “[...] de lenço vermelho em derredor do pescoço, lendo o discurso de salvação nacional no coreto do Bosque, em Xapuri, sobre a luz bruxuleante da lamparina. Era 1930” (CASTRO, 2002, p. 30; 277-280).

Aos quinze anos, Castro (o mais novo) deixou o Acre “[...] vindo para Manaus aventurar, abandonando a mercearia onde exercia a função de balconista, trabalhando na ‘Ancon’, de taifeiro, para pagar a passagem de Xapuri-Manaus, por falta de dinheiro para fazê-lo” (CASTRO, 2002, p. 39). Na capital amazonense, iniciou seus estudos formais no *Colégio Dom Bosco*, sendo um pouco mais velho que a média dos alunos<sup>3</sup>, e posteriormente adentrou no curso de Direito, única faculdade que existia em Manaus, ao mesmo tempo em que assumiu um emprego público na *Inspetoria Regional de Estatística no Amazonas*.

Já em seu período de bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito do Amazonas, se engajou nos movimentos políticos e sociais de esquerda ao mesmo tempo em que dava seus primeiros passos em sua trajetória literária. O poeta Jorge Tufic, em texto sobre o surgimento do *Clube da Madrugada*, fez um panorama sobre a modorrenta vida literária manauara antes do movimento,

---

<sup>3</sup> No prefácio do último livro de Castro, Áureo Mello – amigo de longa data e colega nos tempos da escola – informa que Castro contava cerca de 17 anos, ao passo que a média dos colegas era cerca de 11 anos. (CASTRO, 2002, 15).

concedendo um lugar de destaque à Castro. Tufic relatou que por volta de 1945 um grupo de jovens da Faculdade de Direito, composto por Castro, Áureo Mello, Plínio Ramos Coelho, Pedro Lemos, Kildeniro Teixeira, Araújo Neto, entre outros, fundou em Manaus o *Centro de Estudos da Mocidade*, onde alguns desses chegaram a ter trabalhos, em prosa e verso, editados e publicados às expensas do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

Este grupo se inseriu em um contexto mais amplo de organizações culturais em Manaus, pois ainda conforme Tufic, “entre 1946 e 49 registra-se em Manaus o aparecimento de vários outros grêmios literários, de um sem número de revistas e jornais de circulação restritíssima e existência meteórica”. Um levantamento parcial desses grêmios e alguns de seus integrantes inclui:

[...] o “Grêmio Literário Castro Alves” (Aluísio Nobre de Freitas, Almino Afonso, Paulo Monteiro de Lima e José Carlos Mourão da Rocha); “Grêmio Álvares de Azevedo” (Leopoldo Péres Sobrinho, Aluísio Sampaio, Jeferson Peres, Robert Jansen, Alencar e Silva e Platão Araújo); “Grêmio Gonçalves Dias” (José de Arimathéa Cavalcante, José Assis Nunes, Agnelo Balbi, Erasmo Linhares, Francisco Queiroz, Danilo du Silvan, Arthur Engrácio, Afrânio Castro, Marco Antônio); “Sociedade Amazonense de Estudos Literários” (Alencar e Silva, Anísio Melo, Higino C. da Silva Filho, Guimarães de Paula, J. M. de Andrade Neto, Astrid Cabral, Emanuel Ribeiro da Cunha, José Cidade de Oliveira, Wilson Paula de Sá, Aníbal Beltrão e Maria Eleonor Coutinho dos Santos).<sup>4</sup>

Dentre os membros dos grupos mencionados, destaca-se os de Plínio Ramos Coelho – que chegaria a ser governador do estado pelo PTB em duas ocasiões (QUEIRÓS, 2016); e os de Almino Afonso e Áureo Melo, que nas décadas de 1950 e 1960 ocupariam cargos eletivos no legislativo, tanto estadual quanto federal, também pelo PTB, sendo lideranças de esquerda no Amazonas –Alfonso conseguiu projeção nacional – o que sugere que esses grupos, além de debaterem sobre romances e poesias, também discutiam a política nacional e internacional, talvez mesmo literatura marxista.

O então estudante Aristófanés Castro publicou no final desta década seus dois primeiros trabalhos, *O Transviado* e *Um Punhado de Vidas*, considerados por Tufic uma “tentativa amplamente meritória” de desenvolver a prosa no Amazonas e se sobressaindo “como um vigoroso chamamento à realidade”. Tufic especula que Castro “talvez sem o saber filia-se [...] à corrente literária iniciada pela ‘Revista Norte’

---

<sup>4</sup> TUFIC, Jorge. “Pequena história do clube da madrugada: antecedentes”. **Jornal do Comércio**, Manaus. nº 19402, 30 de abril de 1967, p. 9.

(1927), [publicada] em Pernambuco, e que iria provocar logo após a conversão de Jorge de Lima ao modernismo e o aparecimento de ‘Bagaceira’.”<sup>5</sup>

Ainda em meados de 1945, no processo de redemocratização que colocava fim ao Estado Novo, o nome de Castro esteve presente em uma carta aberta da “mocidade democrática do Amazonas”, isto é, dos acadêmicos da faculdade de Direito de Manaus, assinada por mais de cem nomes<sup>6</sup>, que hipotecou solidariedade aos estudantes baianos que se colocaram contrários aos integralistas, que tentavam se reorganizar naquele momento, saudando a *União dos Estudantes da Bahia* e enviando também uma mensagem à Vargas solicitando atitudes contra os seguidores de Plínio Coelho.<sup>7</sup>

Meses depois, os estudantes de Direito lideraram uma manifestação contra o aumento no preço da tarifa das passagens de bondes, chegando a incendiar um veículo e proferindo discursos em vários pontos da cidade, como em frente à Faculdade de Direito e aos grandes jornais diários (*Jornal do Comércio*, *O Jornal* e *A Tarde*), não apenas contra a majoração do preço do bonde como também contra a falta de água, de luz elétrica e de produtos alimentícios.<sup>8</sup> Dentre os oradores mencionados pelo jornal que noticiou a manifestação, destaca-se Plínio Ramos Coelho, Kildeniro Teixeira – colegas de Castro no *Centro de Estudos da Mocidade* – e Arthur Virgílio Filho, que anos mais tarde seria senador pelo PTB.

A matéria consultada não citou o nome de Castro, embora se possa cogitar que ele esteve presente junto aos seus companheiros. Muitos anos mais tarde, Castro mencionou o evento em uma de suas crônicas, relatando que:

A turma de Direito não se conformou [com o aumento das passagens], único curso superior na época. O campus era a Praça dos Remédios. A multidão que se dirigia ao Mercado Municipal aderiu à manifestação dos acadêmicos de direito, engrossada pelos gloriosos ginasianos. Dois bondes foram queimados ao passarem em frente à Faculdade. A polícia civil compareceu. Houve prisões de estudantes, levados à Central, na Marechal Deodoro [...] (CASTRO, 2002, p. 116)

---

<sup>5</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>6</sup> Dentre os quais destacamos os dos conhecidos Samuel Benchimol e Humberto Calderado Filho, o de Augusto Braule Pinto, que no mesmo ano foi escolhido secretário de imprensa do Comitê Municipal do PCB (QUEIRÓS, 2019, p. 236), e Arthur Pucú – que provavelmente tinha laços de parentesco com Alberto Meirelles Pucú, participante do Levante de 1935 no Rio de Janeiro, e Maria Pucú, membra do PCB.

<sup>7</sup> “Solidários os estudantes amazonenses com seus colegas baianos, na campanha anti-integralista”. **Jornal do Comércio**, Belém. nº 13856, 12 jun. 1945, p. 3.

<sup>8</sup> “Protesto popular contra o aumento das passagens de bonde e contra a SAVA”. **Jornal do Comércio**, Manaus. nº 13940, 25 set. 1945, p. 1-2.

Em 1947, Castro integrou a seção amazonense da Associação Brasileira de Escritores<sup>9</sup> (ABDE), entidade em que o Partido Comunista do Brasil (PCB) possuía forte influência (MELO, 2011; RUBIM, 2007, p. 429) e cuja fundação no estado fora articulada por Aldo Moraes,<sup>10</sup> uma das principais lideranças pecebistas no Amazonas (DA SILVA, 2021). Não foram encontradas quaisquer evidências do envolvimento de Castro com o PCB, que se organizou no estado na segunda metade dos anos 1940 (DA SILVA, 2021), embora a hipótese de que ele fosse simpatizante ou mesmo militante do *Partidão* não deva ser descartada, tendo em vista o já assinalado engajamento de Castro e os fatos de que o partido deteve o quase monopólio do marxismo no Brasil até o final da década de 1950 (RUBIM, 2007) e atraiu uma quantidade expressiva de intelectuais nos anos imediatamente posteriores ao Estado Novo (RODRIGUES, 2007, p. 491; RUBIM 2007, p. 422).

No ano seguinte, Castro ainda foi indicado para a Comissão de Propaganda do *Comitê Amazonense de Defesa do Nosso Petróleo*, entidade que representava no estado a campanha *O Petróleo é Nosso!* em andamento no Brasil naquele momento, que visava estabelecer o monopólio estatal da exploração dos hidrocarbonetos e que resultou na criação da Petrobrás. Deste comitê ainda fizeram parte, dentre outros, Plínio Ramos Coelho, Áureo Mello, Antônio Angarita e o então estudante Almino Afonso.<sup>11</sup>

Estudantes e intelectuais exerceram um papel importante na articulação dessa campanha no Amazonas, já que no mesmo mês em que o *Comitê* elegeu os integrantes de suas comissões, a *Sociedade Cultural “Castro Alves”* fez publicar na imprensa manauara um manifesto em defesa do monopólio estatal da exploração do petróleo.<sup>12</sup> Dentre os membros da *Sociedade Castro Alves* que assinaram este manifesto, destaca-se Arlindo dos Santos Porto, seu vice-presidente, e Samuel Angarita, seu 2º secretário.

Arlindo Porto foi apontado como um dos membros do PCB no Amazonas, com o pseudônimo de *Pincel Proletário*, e o segundo provavelmente possuía laços de

---

<sup>9</sup> “A.B.D.E”. **Jornal do Comércio**, Manaus. nº 14623, 16 dez. 1947, p. 6.

<sup>10</sup> “A.B.D.E., seção do Amazonas”. **Jornal do Comércio**, Manaus. nº 14616, 7 dez. 1947, p. 4.

<sup>11</sup> “Comitê amazonense de defesa do nosso petróleo”. **Jornal do Comércio**, Manaus. 14767, 5 jun. 1948, p. 6.

<sup>12</sup> “Sociedade Cultural Castro Alves: manifesto ao povo”. **Jornal do Comércio**, Manaus. 14777, 17 jun. 1948, p.3.

parentesco com Antônio Angarita, também ligado ao Partidão com o epíteto de *Índio Boca Negra* (QUEIRÓS, 2019, p. 239).

Ainda em 1948, com o apoio de amigos, Castro fez publicar sua primeira coletânea de contos, *O Transviado*. Ainda por meio da imprensa, é possível encontrar alguns anúncios e críticas desta obra, ressaltando a precariedade financeira de Castro<sup>13</sup> e a simplicidade de sua linguagem, ao alcance de todos.<sup>14</sup> Já no ano seguinte, saiu do prelo *Um Punhado de Vidas: Romance de um “Soldado da Borracha”*, escrito inicialmente para o concurso da revista *O Cruzeiro*, do Rio de Janeiro. É interessante mencionar que Castro utilizou as páginas do próprio romance para fazer uma crítica ao mercado editorial da época, ao narrar um dos seus personagens – um escritor amazonense – que ao ser questionado do porquê não enviava seu manuscrito para um concurso, respondeu que “comumente, quando nós tomamos conhecimento dos concursos literários no Rio, é sempre no fim [...]. Ademais, nós cá do norte, completamente esquecidos e desconsiderados não podemos nos bater com os sulinos [...]” (CASTRO, 2001, p. 102).

Não foi possível verificar em que lugar ficou o romance de Castro no referido concurso, mas sua primeira edição foi impressa nas oficinas gráficas da antiga Escola dos Artífices de Manaus, com uma tiragem de 200 exemplares, segundo informações de Hildeberto Corrêa Dias na apresentação da sua segunda edição, produzida em 2001 em uma parceria entre a Editora Valer e a Caixa de Assistência da OAB (CASTRO, 2001, p. 11). Sua primeira edição recebeu comentários positivos na imprensa.<sup>15</sup> Um olhar analítico sobre o romance pode revelar alguns traços da sociedade de então e do pensamento do próprio Castro. Portanto, a seguir será feito um breve resumo do romance seguido de uma análise sobre como o engajamento político é retratado no mesmo.

## **UM PUNHADO DE VIDAS: O REALISMO SOCIALISTA NO AMAZONAS**

“Não é que pretenda ser um escritor de nomeada. Não é que eu vá em meu livro fotografar fielmente o ‘mundo amazônico’, porque é impossível!”

<sup>13</sup> “Crônica no grifo 7”. **Jornal do Comércio**, Manaus. n.º 14702, 20 mar. 1948, p. 4.

<sup>14</sup> DUARTE, José Bezerra. “Uma alviçareira estréia”. **Jornal do Comércio**, Manaus. n.º 14714, 4 de abril de 1948, p. 8-9.

<sup>15</sup> “Heroísmo e beleza nas páginas de um romance”. **Jornal do Comércio**, Manaus. n.º 15227, 10 dez. 1949, p. 6; “Um punhado de vidas e seus personagens próprios e reais”. **Jornal do Comércio**, Manaus. n.º 15255, 12 jan. 1950, p. 3; “Um punhado de vidas”. **Jornal do Comércio**, Manaus. n.º 15266, 25 jan. 1950, p. 2; “Um punhado de vidas vem alcançando grande sucesso”. **Jornal do Comércio**, Manaus. n.º 15268, 27 jan. 1950, p. 4.

O romance, narrado em terceira pessoa de forma onisciente, pode ser dividido em três arcos. O primeiro, dos capítulos um ao quatro, narra a jornada de João Petrolino, retirante do Crato, ao Amazonas – com uma breve estadia em Belém – em busca do enriquecimento fácil nos seringais rio acima, no contexto da “batalha da borracha”, quando o Brasil teve de fornecer látex aos países Aliados na Segunda Guerra Mundial, arregimentando dezenas de milhares de migrantes, sobretudo nordestinos, para tal empreitada. No barco que o transportava, Petrolino conheceu José Vicente, natural de Icó, que rumava para o mesmo destino e com quem trava de imediato uma amizade, se tornando companheiros na viagem que era regada à samba carioca nas noites quentes amazônicas, cantadas pelo marinheiro Chico Luiz.

Em Manaus, Petrolino e Zé Vicente são transportados para a hospedaria dos migrantes, em Flores, onde conhecem o jovem Raul Teixeira, natural de Fortaleza, filho de uma família de grandes plantadores de algodão e acadêmico de Direito, que se voluntariou para ir à Amazônia enfrentar os seringais em busca de experiências que dessem inspiração para o romance que pretendia escrever sobre a situação dos migrantes nordestinos na Amazônia. No segundo arco, dos capítulos 5 ao 13, o protagonismo passa de Petrolino para Raul, explorando suas andanças por Manaus e sua relação com os irmãos amazonenses Antero, estudante de Direito, e Vera Maria, normalista do Instituto de Educação com a qual tem um interesse amoroso; e com o caboclo Armando, que lhe conta estórias, mitos e lendas amazônicas para o planejado romance de Raul.

O arco final narra a ida de Raul ao seringal Natal, no Rio Madeira, próximo a Manicoré. Nos dois anos e meio em que Raul permaneceu lá, enfrentou as agruras da vida dos seringueiros, ao lado de Sebastião – seringueiro apontado pelo proprietário do Natal para acompanhar Raul e ensinar os segredos da extração do látex – na “Toca Vermelha”, como ficou conhecida a barraca deles. No processo, Raul abusou sexualmente de uma menina de 13 anos, Raimunda, filha de um seringueiro da região, que acabou engravidando (CASTRO, 2001, p. 156-157). Enquanto Raul penava na extração da borracha, foi recebendo as notícias da ida de Antero à Europa, lutar contra o fascismo, Petrolino acabou enlouquecendo em um seringal no rio Purus e Vera Maria morreu de tuberculose. Ao receber a notícia da morte de Vera Maria, Raul decidiu sair do seringal junto a Raimunda e ao filho que estava prestes a nascer



e voltar para Fortaleza, mas enquanto saudava as suas contas, a “Toca Vermelha” foi tragada por um deslizamento de barranco, soterrando a gestante Raimunda.

O epílogo acompanha Raul chegando a Fortaleza, absolutamente quebrado e desesperançado. Coincidentemente, enquanto ele chegava ocorria um comício pró-anistia, que Raul observava com pensamentos pessimistas e fatalistas, refletindo sobre tudo o que havia vivido e observado na Amazônia; mas as falas do orador acabaram chamando a atenção de Raul e as linhas finais o narram abrindo caminho em direção ao palanque, sugerindo que também pretendia fazer um discurso e continuar lutando.

Não se pode deixar de assinalar as semelhanças de Raul com o próprio Castro: ambos eram estudantes de Direito, migrantes, de tendência esquerdista e escritores que pretenderam escrever um livro sobre a vida dos seringueiros. O que sugere uma projeção do autor no protagonista de seu romance, ou traços autobiográficos na narrativa. Castro chegou a referenciar a si mesmo, quando Raul, questionado por Zé Vicente e Petrolino como conhecia tanto sobre o Amazonas, contou que conheceu, nos oito meses em que já havia passado em Manaus, “[...] um estudante de direito, acreano. Cresceu aqui. Tem verdadeira adoração ao Amazonas. É um entusiasta. Deseja ver o Amazonas bem alto, próspero” (CASTRO, 2001, p. 59).

O romance é explicitamente engajado, por vezes assumindo um tom panfletário. Todos os principais personagens, sobretudo Raul, denunciam, em diálogos ou em pensamentos, a desigualdade social, a miséria e a injustiça social, sejam dos retirantes nordestinos, dos moradores de pobres de Manaus ou dos seringueiros mata adentro. As falas do protagonista às vezes são professorais, como em uma conversa com Petrolino e Zé Vicente, onde discorria sobre a miséria de Manaus, em que “os dois sertanejos quase não podiam compreender as palavras difíceis de Raul. Mas pelo modo de falar e pelo que viam em seus olhos, apreendiam o que ele queria dizer” (CASTRO, 2001, p. 60); em outra ocasião, questionado por Sebastião sobre sua relação com Raimunda, Raul respondeu com uma série de reflexões sobre a pobreza dos seringueiros, às quais “o caboclo não compreendia nada daquela lengalenga de Raul. [...] Palavras bonitas que ouvidas por outra gente surtiriam efeito, porém para aqueles pobres ignorantes, seriam mesmo que carochos de milho jogados em barro vermelho, não germinavam...” (CASTRO, 2001, p. 169).

No segundo arco, há interessantes descrições do cotidiano da cidade, dos mundos do trabalho e, em tom de denúncia, da situação das classes subalternas

urbanas de Manaus, como do bairro operário do Educandos e as lavadeiras que labutavam no igarapé da Cachoeirinha (CASTRO, 2001, p 41-43), da pedreira de Flores, onde também havia mulheres na força de trabalho (CASTRO, 2001, p. 49-50) e pela situação de miséria que a cidade se encontrava, como os atrasos dos bondes, superlotadas e com passagens caras [motivo pelo qual os estudantes protestaram em 1945]; trabalho infantil; falta de estruturas básicas como água, esgoto e eletricidade; carestia de vida; fome, desnutrição e prostituição. Em alguns momentos, a narração toma formas jornalísticas, o que não chega a surpreender tendo em vista a atuação de Castro nos periódicos da cidade.

Antero, contando a Raul a situação de um guarda noturno amigo seu que tinha um filho com talentos para a pintura, mas que acabou tendo de abandonar os livros pela falta de recursos financeiros e pela urgência da sobrevivência, tendo de começar a trabalhar, expõe que:

[...] algum dia haveremos de ter o ensino gratuito desde o curso primário ao especializado, *sem distinção de classe, porque nesse tempo, não haverá classes no Brasil*. Será uma forma de governo “em que nenhuma criança com menos de quatorze anos poderá trabalhar em lugar de crescer e estudar”. Haverá de ser uma forma de governo, em que “ninguém ficará sujeito à ignominiosa necessidade de pedir auxílio aos outros”, quando desamparado, porque o “Estado sustenta”. Haverá de ser uma forma de governo em que o “pobre não necessitará da caridade, de fundações de instituições para aproximar-se das fontes de cultura. Não precisa desses donativos voluntários dos ricos, sugeridos em parte por um bom coração e em parte por um sentimento de medo ou uma consciência acusadora”. *Todos serão iguais!* Cada qual dentro da sua especialização, dentro do progresso, envolto pela ciência, sem analfabetos. Todos trabalhando para o bem do Brasil e não para o seu proveito (CASTRO, 2001, p. 100-101, *grifos nossos*).

Este trecho é onde fica mais explícito o posicionamento político de Antero e Raul – na verdade do próprio Castro – que não deixaram de fazer um comparativo com a União Soviética: “na Rússia, por exemplo, [o filho do amigo de Antero] já estaria em uma escola de belas-artes, por conta do Estado” (CASTRO, 2001, p. 98). O capítulo é um libelo em defesa da ampliação do acesso à educação as classes subalternas, um ponto que se repete em outras partes da história: Vera Maria, por exemplo, encara a docência com um sentido de missão emancipadora (CASTRO, 2001, p. 95).

Em outros momentos, o posicionamento dos personagens (e do próprio autor) também ficam expressos de forma mais discreta: Petrolino enquanto olhava o céu estrelado, em sua breve estadia em Belém, pensava que “lá não havia distinção de classe” (CASTRO, 2001, p. 18); em um diálogo de Raul com o dono do seringal onde

foi trabalhar, acerca da interferência dos Estados Unidos no comércio da borracha, o protagonista comentou que “[...] e vá reclamar que lhe classificam de quinta-coluna. Antigamente, era comunista” (CASTRO, 2001, p. 193).

O anticomunismo é outro tema retratado em alguns momentos da estória. Na breve estadia de Petrolino em Belém, o cearense visitou a Basílica de Nossa Senhora de Nazaré

Naquele instante, o padre se achava no púlpito, fazendo um sermão genuinamente político. Não tocava nem de leve sobre o Evangelho. Nenhuma passagem aconselhando aos fiéis a obedecer os ensinamentos do Nazareno. Os exemplos maravilhosos da vida de Jesus eram olvidados, para vir à tona o “espírito mau” dos que, aproveitando o momento de dúvida atravessado pelo país jogado na guerra, davam a mão, não aos aliados, mas à Rússia, para fazer ressurgir em nossa pátria, profundamente católica, pelos seus alicerces e tradição, o sovietismo que viria terminar com a família brasileira. “Não podemos ficar de braços cruzados – prosseguia o padre italiano – neste momento. Devemos, sim, auxiliar os aliados, porém será crime de lesa-pátria permitirmos essas manifestações bastante claras aos russos! Temos dois caminhos a seguir: pôr um freio de aço contra qualquer manifestação favorável às vitórias dos exércitos vermelhos, proibirmos a venda de livros que contem vantagem sobre a pátria do materialismo ateu, ou veremos ser sacrificado o Brasil”. (CASTRO, 2001, P. 20-21).

O padre se torna particularmente antipático aos leitores ao acusar Petrolino de furto por este ter pegado no sono na Basílica. Em outro momento, abordando as visitas de Raul à casa dos irmãos Antero e Vera Maria, Castro escreveu que:

Os vizinhos viam nesse arigó, como o chamavam, um emissário comunista disfarçado, um membro da célula viva do regime político da Rússia, esse monstro apocalíptico que fora uma vez escorraçado do Brasil, mas, agora, já fazia sentir a sua reentrada com a liberdade dos livros sobre a Rússia, sobre Stálin, apresentados artisticamente pelas editoras do Sul, expostos nas livrarias sem nenhum pejo, as quais vendiam de maneira espantosa, esgotando em poucos dias as remessas que os raros navios da Lóide traziam, de três em três meses. Já não tinham Antero em boa conta. Agora com a amizade de Raul, olhavam-no com os olhos transbordantes de terro. D. Chiquinha, uma velha carola, que recebia todos os dias o corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo e dava grande valor à vida alheia (...) benzia-se todas as vezes que Raul passava para a casa de Antero, rezando a todos os santos que habitam o céu de sua “sacratíssima religião”, a fim de livrar “o nosso amado Brasil”, como dizia o padre Gregório, naqueles sermões bonitos, apostrofados nas missas das oito, aos domingos, “da sanha malévola do regime vermelho”. “Regime, meus irmãos, sem família, sem religião, sem lar, sem Deus! O regime da imoralidade, da devassidão, da falta de ordem, da concupiscência, da desgraça!” (CASTRO, 2001, p. 65-66).

As duas passagens possuem pontos em comum. O primeiro e mais óbvio é o caráter religioso do anticomunismo, que contrapunha o catolicismo às ideias de uma sociedade sem classes, vistas como um risco aos valores da família. Isso não chega a surpreender, pois conforme Rodrigo Patto Sá Motta (2000, p. 35-49), a Igreja Católica foi uma das principais fontes ideológicas que forneceram argumentos para o

anticomunismo no Brasil, com padres, bispos e cardeais atuando ativamente, sobretudo a partir da década de 1930, para tentar afastar os fiéis das influências das ideias socialistas e marxistas, por meio da pregação nos púlpitos, do rádio, dos jornais e de documentos oficiais da Igreja de orientações aos fiéis.

O segundo ponto em comum nas duas passagens é a percepção do perigo dos livros como catalizadores das ideias comunistas: o padre italiano da Basílica sugeria censurá-los e os vizinhos de Antero se espantavam com a velocidade da venda dos que chegavam das editoras do Sul. Talvez Castro encarasse seu próprio romance como um desses livros perigosos.

Por fim, uma interessante marcação temporal: o comunismo é referido como já tendo sido “escorraçado do Brasil” antes – muito provavelmente, se referindo a repressão após o levante de 1935 e ao longo do Estado Novo –, mas que estava “reentrando” e “ressurgindo” no país “aproveitando o momento de dúvida atravessado pelo país jogado na guerra”. É necessário situar que o período em que o romance veio a lume coincidiu com o início da Guerra Fria, quando o presidente Eurico Gaspar Dutra se alinhou aos Estados Unidos e empreendeu uma campanha de combate ao comunismo, proscrivendo o PCB, cassando os mandatos dos deputados eleitos por ele, intervindo em sindicatos e prendendo militantes de esquerda. Portanto, talvez estas descrições correspondam muito mais ao momento em que o livro escrito (entre 1948 e 1949) do que ao momento em que a história é ambientada (por volta de 1942 a 1945).

O foco na classe trabalhadora, o perfil heroico do protagonista e a submissão da forma ao conteúdo, em tom de denúncia e exposto de forma panfletária, são características que aproximam *Um Punhado de Vidas* do realismo socialista, política artística e literária oficial da União Soviética e que, através do PCB, teve grande influência na literatura brasileira a partir da década de 1930, em especial no final dos anos 1940 (MELLO, 2010, p. 123-160). Máximo Górkí, escritor russo que ao lado de Andrei Jdanov foi um dos principais teóricos do realismo socialista, é expressamente citado no romance como uma inspiração para Raul (CASTRO, 2001, p. 61-62), o que pode ser interpretado como uma inspiração para o próprio Castro.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Aristófanés Castro teve período de formação, tanto acadêmica quanto intelectual, no início da chamada *Quarta República*, também chamada de *República*

*Populista* ou *República Liberal-Democrática* (1945-1964), período de forte efervescência política e social, sendo contemporâneo de nomes como Plínio Ramos Coelho, Almino Afonso, Arlindo Porto e Áureo Mello, lideranças políticas trabalhistas e de esquerda importantes no cenário público amazonense entre o final da década de 1940 e o início da de 1960, alguns dos quais foram perseguidos nos anos iniciais da Ditadura Militar. Na experiência de todos eles, pode-se apontar como pontos em comum a formação na Faculdade de Direito de Manaus, a participação nos grêmios literários e sociedades culturais que surgiram naquela conjuntura, além da militância político-partidária no PCB e no PTB.

No entanto, ao contrário de seus companheiros de geração e de lutas estudantis, o escritor acreano não ocupou nenhum cargo eletivo na política institucional, nem há registros que tenha concorrido, mas deu prioridade às Letras como campo de militância, legando desta forma interessantes testemunhos literários deste período – que podem ser explorados pelos historiadores que se debruçarem sobre ele. A filiação de Castro ao PTB e ao PCB também não foi localizada, embora a hipótese de que tenha se ligado a algum deles não deva ainda ser descartada.

Se Castro não foi um teórico marxista de formulações originais, pode ser considerado pelo menos um propagandista. Em seus textos, artigos, crônicas jornalísticas e obras literárias, ele se utilizou de termos e conceitos da tradição marxista, como *Classes*, *Luta de Classes* e a ideia de uma sociedade sem classes sociais, contribuindo para a familiarização destes conceitos entre os seus leitores e para a inclusão e difusão deles na esfera pública amazonense. Além disso, também foi um praticante da décima primeira tese de Marx sobre Feuerbach, não apenas fazendo descrições sobre o cotidiano e a realidade da cidade e de suas classes subalternas, mas se envolvendo nas lutas políticas e sociais de seu tempo, procurando transformá-las. Se este artigo contribuir para evidenciar uma parte da trajetória e da obra deste autor, terá cumprido seu objetivo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Aristófanés. **Cuspir é preciso**. Manaus: Editora Valer/Caixa de Assistência dos Advogados – OAB/AM, 2002.

CASTRO, Aristófanés. **Um punhado de vidas**: Romance de um “soldado da borracha”. 2.<sup>a</sup> edição revista. Editora Valer/OAB-Amazonas: Caixa de Assistência dos Advogados, 2001.

DA SILVA, Fernanda Fernandes. **O Partido Comunista do Brasil (PCB) no Amazonas**: da fundação do diretório estadual ao golpe civil-militar. Revista Tempo Amazônico, Volume VIII, nº 2, 2021.

MELLO, Marisa Schincario de. “Encarcerando ideias: Graciliano Ramos, Jorge Amado e o realismo socialista (1945-1953)”. In: MATTOS, Marcelo Badaró (org). **Livros vermelhos**: literatura, trabalhadores e militância no Brasil. Rio de Janeiro: Bom Texto/FAPERJ, 2010.

MELO, Ana Amélia de Moura Cavalcante. **Associação Brasileira de Escritores**: dinâmica de uma disputa. Varia História, v. 27, p. 711-732, 2011.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). 2000. 315 f. 2000. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

QUEIRÓS, César Augusto Bubolz. “A Casa do Trabalhador do Amazonas: o quartel general dos trabalhadores da terra cabocla”. In: SPERANZA, Clarice Gontarski (org). **História do trabalho**: entre debates, caminhos e encruzilhadas. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

QUEIRÓS, César Augusto Bubolz. **O trabalhismo de Plínio Ramos Coelho e o Golpe de 1964 no Amazonas**. Revista Mundos do Trabalho, v. 8, n. 15, p. 49-65, 2016.

RODRIGUES, Leôncio Martins. “O PCB: os dirigentes e a organização”. In: FAUSTO, Bóris. **História geral da civilização brasileira - o Brasil Republicano**, v. 10: sociedade e política (1930-1964). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. “Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil”. In: DE MORAES, João Quartim. **História do marxismo no Brasil**: volume III: Teorias. Interpretações. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2007.